

"O espelho": entre o si mesmo e um outro

Marta Cavalcante de Barros

Resumo

Este ensaio analisa o conto "O espelho", de Machado de Assis, atentando para suas confluências com a teoria sobre o narcisismo, apresentada por S. Freud em 1914. Por meio da análise deste conto é possível notar que os conceitos psicanalíticos surgem como subsídios de uma leitura do texto literário, evidenciando as relações entre literatura e psicanálise.

Unitermos

Machado de Assis; "O espelho"; literatura e psicanálise; identidade; narcisismo.

Escrever um diário é como olhar-se num espelho de confiança, adestrado a transformar em beleza a simples boa aparência ou, no pior dos casos, a tornar suportável a máxima fealdade. Ninguém escreve um diário para dizer quem é. Por outras palavras, um diário é um romance com uma só personagem(...) a necessidade de juntar aos sinais que me identificam um certo olhar sobre mim mesmo. O olhar do espelho(...) este Narciso que hoje se contempla na água desfará amanhã com sua própria mão a imagem que o contempla.
(José Saramago, 1997, p. 355).

Questões ligadas à identidade, à posição do sujeito frente ao mundo e a si mesmo fazem parte da história da humanidade, constituindo temas centrais sobretudo de campos muito próximos e confluentes, como a psicanálise, a filosofia, a literatura.

Na passagem do século XIX para o XX houve uma mudança radical na noção do sujeito, que se deslocou do lugar da Verdade – representado sobretudo pelo *Cogito* cartesiano – para o lugar do ocultamento. Essas são duas concepções de subjetividade completamente diferentes, sendo que a última, influenciada também pelas contribuições trazidas por Freud, implica uma nova noção: a do inconsciente.

Freud, com suas pesquisas e reflexões sobre o inconsciente, questionava desde o início a posição tradicional do Eu, preponderante principalmente nos meios científicos¹; mas é em 1914, com a publicação do texto *Sobre o narcisismo*:

uma introdução, que dará um dos passos mais importantes para a compreensão do Eu como fruto de um engendramento, nomeando o narcisismo como uma etapa fundamental para a constituição do sujeito.

Contradizendo as concepções de sua época, que pensavam o narcisismo como uma perversão, Freud o concebe como o amor nutrido em relação a si mesmo. Mas este “si mesmo” está longe de ser uma noção simples. “Si mesmo” pode designar o corpo próprio, ou o indivíduo, ou então o próprio ego, que corresponde a toda psique, restringindo-se apenas à parte cristalizada na auto-imagem: um setor do mundo interno, ou da psique, que no entanto, não é de modo algum o único.

Escrito em circunstâncias diversas e época um pouco anterior, o conto “O espelho”², de Machado de Assis, que traz como subtítulo “esboço de uma nova teoria da alma humana”, também levanta reflexões sobre o indivíduo e sua alma, sua *psique*, abordando as relações do homem consigo mesmo, porém enraizado em um solo sócio-cultural determinado: a sociedade fluminense da segunda metade do século XIX. Em outras palavras, o conto ajuda-nos a perceber que o ser humano não consiste somente na “realidade psíquica”, mas habita um corpo e vive em sociedade – aspectos refletidos no espelho. Assim, o conto reatualiza algumas descobertas psicanalíticas, enquanto estas, por sua vez, acrescentam novos olhares à criação literária, possibilitando interseções entre esses dois campos.

Essas interseções entre a literatura e a psicanálise dão-se não só porque ambas utilizam-se da linguagem, mas também porque se apresentam como um espaço de entrecruzamento de desejos. O texto literário, assim como o discurso evocado no divã, mostra-se como fruto de um trabalho consciente e inconsciente, sendo impossível delimitarmos onde começa um e termina o outro: “tanto no caso clínico quanto nas produções do imaginário artístico, o psicanalista vai reencontrar certos temas fundamentais, porque estes são o que torna humano o ser humano” (Mezan, 1998, p. 78). O próprio Freud certa vez comentou que o fundador da psicanálise foi, de fato, o artista, que livre das amarras da exatidão dá livre curso à sua intuição, deixando aflorar os desejos mais íntimos do homem, penetrando nos recônditos da alma humana:

Os poetas são aliados muito valiosos, cujo testemunho deve ser levado em alta conta, pois costumam conhecer toda uma vasta gama de coisas entre o céu e a terra com as quais o nosso saber escolar ainda não nos deixou sonhar. Estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da psique, já que se nutrem em fontes que ainda não tornamos acessíveis à ciência (Freud, 1907, p. 20).

"O espelho" tem como tema central a questão da identidade, ou melhor, o problema da divisão do eu ou do desdobramento da personalidade. O conto trata de um momento da vida de Jacobina, narrador e protagonista da história, que passa por um processo de (re)estruturação e que, inusitadamente, confronta-se com o Outro que lhe habita, ou seja, com seu próprio desejo.

O conto inicia-se pela conversa de quatro ou cinco homens sobre questões de "alta transcendência"; juntos tentam resolver os mais árduos problemas do universo, até o momento em que começam a discutir sobre a natureza da alma. A imprecisão do número de presentes deve-se ao fato de Jacobina estar entre eles, abstendo-se de participar da polêmica, mantendo-se calado, e assim não contando na composição do grupo. Mas cinco são de fato os homens, contando Jacobina, que repentinamente intervém na conversa, afirmando, para espanto de todos, que não há uma só alma, mas duas almas nos homens: a exterior e a interior. A alma exterior poderia ser "um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto. (...) Agora é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma (...) muda de natureza e de estado" (Assis, 1985, p. 346). Pouco a pouco nota-se que no decorrer do texto o adjetivo "exterior" vai significando cada vez mais o que é interiorizado, e este será o aparente paradoxo do conto, que narra a formação da auto-imagem e da autoconsciência de Jacobina, não de dentro para fora mas de fora para dentro, a partir do olhar do outro.

Diante da estupefação geral, Jacobina propõe-se a contar um episódio de sua vida quando tinha por volta dos 25 anos, e que iria justificar e exemplificar sua afirmação sobre a existência das duas almas. Nesse momento do conto, o foco do narrador onisciente cede espaço para a voz individual de Jacobina, que a partir de então será o narrador reflexivo de seu destino. Sua aventura traduz-se em experiência vivida, ganhando estofamento e dimensões próprias, indo além de um simples fato curioso. Os ouvintes, por sua vez, esquecem-se da polêmica sobre a questão das almas e prestam atenção na história desse outro, que é Jacobina. Mais ainda, seu relato será seu domínio e estará sob seu controle, pois ele avisa aos interlocutores:

Se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas. (...) Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir (p. 346).

Entregue ao ritmo da memória, sua história ecoará pela pequena sala, "alumiada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com luar que vinha de

fora” (p. 345). Seu relato traz, portanto, os traços ambíguos da memória, possíveis de serem percebidos aqui e ali, apesar de escorregadios.

A história de Jacobina inicia-se no momento em que, ainda pobre, acabava de ser nomeado alferes da guarda nacional:

não imaginam o acontecimento que isso foi em nossa casa. Minha mãe ficou orgulhosa! tão contente! Chamava-me o alferes. Primos, tios, foi tudo uma alegria sincera e pura. (...) Vai então que uma de minhas tias, D. Marcolina, viúva do capitão Peçanha, que morava a muitas léguas da vila, num sítio escuro e solitário, desejou ver-me, e pediu que fosse ter com ela e levasse a farda (p. 347).

Essa citação evidencia a situação em que se encontrava o narrador. Jovem e pobre, sente que o fato de ter sido nomeado alferes já representa o primeiro degrau em sua ascensão social: essa nomeação arrancará o moço da pobreza e da obscuridade e lhe abrirá o caminho para subir na vida. Lembramos que no início do texto Jacobina é descrito como um homem rico e maduro: “entre quarenta e cinqüenta anos, provinciano, capitalista” (p. 345), índice de que sua nomeação favoreceu sua ascensão social. Entretanto, vale notar que outros adjetivos qualificam-no a conseguir a mudança de classe: “inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico” (p. 345). Ou seja, na ficção machadiana, a ambição da ascensão social é importante para compreendermos o movimento de suas narrativas e de muitos de seus personagens, cujas características principais estão concentradas na capacidade do sujeito de se unir à Aparência dominante, conseguindo atingir seus objetivos. Afinal, é a situação assegurada pelas conquistas sociais e materiais que permitem a um indivíduo entregar-se a relatos pessoais tão repletos de desejos, e que podem, repentinamente, deixar entrever a existência de uma alma interior.

Nesse início de sua carreira, mais do que o *status* adquirido pelo cargo, o rapaz assume um lugar privilegiado no seio familiar. Sua mãe, pais, tios, parentes e até vizinhos passam a venerá-lo: é o centro de todas as atenções, sobretudo ao se deslocar para um sítio distante, no qual ocupará um lugar de maior destaque, já que a tia, proprietária do local, é viúva e fôra casada com um capitão. Ou seja, Jacobina surge para preencher um lugar de falta para essa mulher solitária, que o convidara a passar uns dias com ela:

E abraçava-me! Chamava-me também o seu alferes. Achava-me um rapagão bonito. Como era um tanto patusca, chegou a confessar que tinha inveja da moça que houvesse de ser minha mulher. Jurava que em toda província não havia outro que me pusesse o pé adiante (p. 347).

Em outras palavras, podemos dizer que a madrinha investe libidinalmente no sobrinho, constituindo uma relação amorosa que favorecerá o processo de identificação que daí advirá.

No contato com os que o cercam, aos poucos o cargo começa a se sobrepor ao homem: "E sempre alferes; era alferes para cá, alferes para lá, alferes a toda hora. Eu pedia-lhe que me chamasse Joãozinho, como dantes; e ela abanava a cabeça, bradando que não, que era o 'senhor alferes'" (p. 347).

Até esse momento notamos que Jacobina ainda está ligado ao seu nome de batismo e ao diminutivo de afeto familiar que traz em si: Joãozinho. Mas tia Marcolina, assim como os outros moradores do sítio, insistem em chamá-lo de Sr. Alferes. A fonte grupal, externa e posteriormente introjetada da renomeação, insinua-se de forma sutil: a mudança de *status* implica a mudança de nome. A vivência na fazenda será decisiva para a transformação de Joãozinho para alferes; nesse espaço, a "voz" do outro complementa e condensa o "olhar" desse outro, ocupando um papel de relevo na constituição da imagem do corpo e da imagem que Jacobina irá construir de si mesmo. Em sua constituição, de acordo com Lacan, é com as imagens do Outro que o sujeito identifica-se muito precocemente, as quais trazem a marca da idealização, que como vimos, é uma das dimensões em que se estrutura o narcisismo (Lacan, 1978).

O narcisismo na constituição do sujeito

O narcisismo caracteriza-se pelo amor que temos a nós mesmos, sendo uma parte de nossa vida sexual; ou seja, o amor que investimos em nós mesmos é de cunho sexual, e a prova disso está na gama de fenômenos ligados ao autoerotismo, que vai da masturbação à ginástica, passando aos cuidados com o corpo, com seu embelezamento e sua valorização. Em outras palavras, nosso corpo e nosso Eu são objetos sexuais semelhantes aos objetos externos, e o investimento neles é também sexual, como ilustra o mito de Narciso, apaixonado por seu reflexo na água. Freud considerou que, existindo em cada indivíduo apenas uma quantidade fixa de libido, a parte dela investida no Eu seria subtraída do investimento objetual e vice-versa. A libido narcísica, tal como a objetual, é eminentemente móvel e pode ser reinvestida nos objetos – quando isso ocorre, estes ficam impregnados com uma qualidade particular, derivada exatamente do componente narcísico da libido que os investe.

A qualidade particular da libido narcísica é precisamente a perfeição, e o veículo pelo qual esta perfeição transita para os objetos é a idealização deles.

Em algum recanto de nosso inconsciente existe uma imagem de nós mesmos, que é perfeita, completa, grandiosa: é o Ego ideal, o qual é formado pelos resquícios dos momentos mais primitivos de nossa vida, aqueles em que não tínhamos consciência da limitação, da imperfeição, da finitude, que nos caracterizam como humanos. Ou seja, a vivência da completude, a onipotência, será entendida e fantasiada como o Ego ideal, que pode ser encarnado nas mais diversas figurações empíricas. O desenvolvimento do Ego consiste precisamente em um afastamento do narcisismo primário³. Esse afastamento é ocasionado pelo deslocamento da libido em direção a um ideal imposto de fora, sendo a satisfação provocada pela satisfação desse ideal. Esse deslocamento ocorre também pela incapacidade de renúncia à perfeição narcísica da infância, recuperada exatamente por meio do Ideal. Essa renúncia se dá pela cultura, assim como o novo processo de identificação.

A partir das considerações que fizemos, fica bastante clara a vivência de Jacobina: uma vez investido libidinalmente pelos outros, traz para si uma “revivescência” de seu próprio narcisismo – sua nomeação acarretou uma supervalorização de si pelo olhar dos outros, que ele assumirá como sua, transformando o “si mesmo” em um “outro”, conforme veremos a seguir.

O alferes que elimina o homem

Os dias passados na fazenda proporcionaram extremo prazer a Jacobina, que experimentava os mais diversos privilégios: “Na mesa tinha eu o melhor lugar, e era o primeiro servido” (p. 347). Esses privilégios podem ser compreendidos como gratificações narcísicas que terão como finalidade reascender seu próprio entusiasmo: “O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação, que o natural sentimento da mocidade ajudou e completou” (p. 348).

As regalias atingiram seu ápice com a instalação de um espelho em seu quarto, que representava o lustro da tradição e da distinção de que agora, com um cargo igualmente distinto, Jacobina fazia parte:

obra grande e magnífica, que destoava do resto da casa, cuja mobília era modesta e simples. Era um espelho que lhe dera a madrinha, e que esta herdara da mãe, que o comprara a uma das fidalgas vindas em 1808 com a corte de D. João VI. Não sei o que havia nisso de verdade; era a tradição. O espelho estava naturalmente muito velho; mas via-lhe ainda o ouro, comido em parte pelo tempo, uns delfins esculpidos nos ângulos superiores da moldura, uns enfeites de madrepérola e outros caprichos do artista. Tudo velho, mas bom... (p. 348).

A entrada do espelho no quarto de Jacobina é minuciosamente descrita e cuidadosamente marcada no conto, pois o objeto mais precioso da casa reproduzirá aquela imagem do novo Jacobina, criada pela sua passagem a alferes. A rigor, antes de poder fixar-se no rico e nobre móvel, a imagem já se formara no olhar e na fala dos outros, primeiro espelho. Antes mesmo de instalarem o espelho em seu quarto, Jacobina já afirmara: "O alferes eliminou o homem. (...) ao mesmo tempo em que a consciência do homem se obliterava, a do alferes tornava-se viva e intensa (...). No fim de três semanas, era outro, totalmente outro. Era exclusivamente alferes" (p. 348).

A importância do espelho repousa na condensação do olhar do outro que se ausentará, ao mesmo tempo em que transforma, para Jacobina, o olhar do outro em olhar de si. Difícil seria não comentar aqui o importante ensaio de Lacan sobre o espelho, que institui inclusive uma nova fase no desenvolvimento e constituição do sujeito: a fase do espelho, na qual, pela visão do outro – seu outro refletido no espelho –, a criança constitui sua motricidade. Ou seja, a constituição do eu se dá de fora para dentro, por meio da imagem do outro – ou que o outro constrói do sujeito – a criança introjeta sua própria. Logo, é o outro que constitui o sujeito⁴.

No conto de Machado de Assis, a função do espelho, tão cuidadosamente inserida na trama narrativa, será explicitada no momento em que tia Marcolina precisa ir a um sítio vizinho. Jacobina, então, fica só com os escravos, que apesar de não ecoarem como as vozes dos familiares, ainda mantêm acesa em Jacobina a noção de quem ele está se tornando – o Sr. Alferes: "O alferes continuava a dominar em mim, embora a vida fosse menos intensa, e a consciência mais débil. Os escravos punham uma nota de humildade nas suas cortesias, que de certa maneira compensava a afeição dos parentes e a intimidade doméstica interrompida" (p. 348). No entanto, um dia os escravos fogem e ele fica sozinho na casa. Imediatamente é invadido por um sentimento de solidão, de completa opressão, verdadeira angústia: "Era como um defunto andando, um sonâmbulo, um boneco mecânico". Sentia-se melhor quando dormia, pois era invadido por sonhos que o acalmavam:

Dormindo, era outra coisa. O sono dava-me alívio. (...) o sono, eliminando a necessidade de uma alma exterior, deixava atuar a alma interior. Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver (p. 349).

Os sonhos, quando surgem, não fazem senão perseguir a situação de vigília, e ao invés de libertação, trazem dívida social e *status* almejado; em termos psicanalíticos, são realizações de desejos por tanto tempo acalentados por

Jacobina. Esses desejos são fruto não do Sr. Alferes, mas daquele que ainda não goza completamente da nova situação social em que se encontra: Joãozinho.

Os sentimentos de mal-estar e de angústia só serão arrefecidos quando Jacobina depara-se um dia, sem querer, no espelho. Em um primeiro momento, no entanto, leva um susto:

olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga esfumada, difusa, sombra da sombra. E levantei o braço com um gesto de mau humor, e ao mesmo tempo de decisão, olhando para o vidro; o gesto estava lá, mas disperso, esgaçado, mutilado... (p. 350).

Não havia como reconhecer o corpo inteiro, completo, pois lhe faltava uma parte – a parte que nos falta sempre, o desejo que se inscreve corporalmente na visão de si. Desesperado, Jacobina decidiu ir embora; no entanto, teve uma súbita idéia:

lembrou-me vestir a farda de alferes. Vestia-a, aprontei-me, levantei os olhos e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. (...) Olhava para o espelho, ia de um lado para o outro, recuava, gesticulava, sorria, e o vidro exprimia tudo. Não era mais um autômato, era um ente animado. Daí em diante, fui outro. Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando, olhando, meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com este regímen pude atravessar mais seis dias de solidão sem os sentir... (p. 351).

Desse modo, o alferes surge como um outro – socialmente imposto e venerado –, e com o qual Joãozinho identifica-se por meio de uma relação de objeto tipo narcísica. No primeiro momento, ao se olhar no espelho, Joãozinho sente a angústia da fragmentação por ainda não ter completado o processo de identificação – que se dá quando da aceitação desse outro que se insinua em si. A vivência do corpo despedaçado cede lugar a uma demarcação de si por um processo de identificação ao outro – socialmente construído. O que fica demarcado, na verdade, é a distinção entre o exterior e o interior. Ao não reconhecer mais sua imagem como Joãozinho, Jacobina só se reconhece como alferes. Ou seja, ao procurar a realidade de si, Jacobina só reconhece a imagem criada pelos outros. A imagem que existia antes perde-se, aliena-se em favor da que surge, repleta de satisfações narcísicas. A alma exterior era a consciência – na verdade a personificação da crítica; elogio dos pais e depois da sociedade: Joãozinho apaga-se perante o alferes que todos ajudaram a construir. Esse alferes é um ideal construído que se tornou consciência. O outro, o Joãozinho, foi para as sombras, perdeu-se, abafando a voz do desejo.

Desse modo, vemos que não basta vestir a farda; é preciso que os outros a vejam e a reconheçam como farda, que acaba sendo uma "segunda alma", indispensável para a integridade psicológica do personagem: ser por meio dos outros. Quando falta o olhar do outro, Jacobina vai ao espelho, que dirá o que o eu parece ser: "o espelho, suprimindo o olhar do outro, reproduz com fidelidade o sentido desse olhar" (Bosi, 1999, p. 99).

O conto narra uma experiência única que evidencia o quanto se faz real (e necessária, pois vencedora) a fixação de uma imagem construída socialmente, representada pela farda. É essa imagem que absorve o homem, deixando para trás a face escura do desejo, que permanece sempre em forma de uma interrogação não respondida: "A outra face, a que se partira e esfumara diante do vidro (...) é o corpo opaco do medo, da vaidade, do ciúme, da inveja; numa palavra, o enigma do desejo que recusa mostrar-se nu ao olhar do outro" (Bosi, 1999, p. 102).

Notas

1. Em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), Freud descreve "como o narcisismo universal dos homens, o seu amor-próprio, sofreu até o presente três severos golpes por parte das pesquisas científicas". O primeiro refere-se à descoberta da Terra como mais um entre os vários planetas e não mais como o centro do universo, como se acreditava; o segundo refere-se à concepção de que o homem não ocupa uma posição dominante sobre as criaturas do reino animal, sendo mais um entre os demais animais; e finalmente, o terceiro golpe refere-se ao desvelamento do inconsciente, ou seja, o homem não é senhor dentro de sua própria mente, pois ele desconhece quase inteiramente o desejo que lhe habita.
2. "O espelho" foi publicado em 1882 na *Gazeta de Notícias*, e nesse mesmo ano republicado na coletânea *Papéis avulsos*. As citações do conto foram retiradas da *Obra completa*, organizada por Afrânio Coutinho.
3. Para Freud, o narcisismo é vivenciado em dois momentos: narcisismo primário e secundário. O narcisismo primário designa um estado precoce em que a criança investe toda sua libido em si mesma; é um estado anterior à constituição de um ego, e do qual a vida intra-uterina seria um arquétipo; em outras palavras, ainda não houve uma clivagem entre o sujeito e o mundo exterior. Já o narcisismo secundário designa um retorno ao ego da libido retirada de seus investimentos, ou seja, é retirada dos objetos e retorna ao ego, supondo a existência de um ego constituído ou já em constituição. (Cf. Laplanche e Pontalis, 1990).
4. Lacan, em suas considerações sobre a fase do espelho, diz ser esse o momento em que a criança, por volta dos seis meses, forma uma representação de sua unidade corporal por identificação com a imagem do outro. Esse momento é concretizado de forma exemplar pela experiência que a criança tem ao perceber sua própria imagem num espelho, que é fundamental para o indivíduo, e da qual se formará um primeiro esboço do ego (Cf. Garcia-Roza, 1995).

Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. vol. 3 (org. Afrânio Coutinho).
- BOSI, Alfredo. A máscara e a fenda. In: _____. *O enigma do olhar*. São Paulo: Ática, 1999.
- FREUD, S. (1907). *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. IX.
- _____. (1914). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XIV.
- _____. (1917). *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. vol. XVI.
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. vol. 3.
- LACAN, J. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. (Col. Debates, n. 132).
- LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- MEZAN, R. Um espelho para a Natureza: notas a partir de *Hamlet*. In: _____. *Tempo de muda*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

“The Mirror”: Between Myself and Another One

Abstract

The paper aims at analyzing Machado de Assis’s short-story “O espelho” (The Mirror), with special attention on its confluences with the narcissism’s theory as presented by S. Freud in 1914. This exercise enables us watching how the psychoanalytical concepts can be used for analyzing a literary text, enlightening the relationship between literature and Psychoanalysis.

Keywords

Machado de Assis; “O espelho”; Literature and Psychoanalysis; identity; narcissism.

Marta Cavalcante de Barros

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela FFLCH/USP.

Rua Vilela, 875 / 122 – 03314-000 – Tatuapé – São Paulo/SP
tel.: (11) 6191-9148
email: martacb@usp.br

recebido em 03/02/03
versão revisada recebida em 29/09/03
aprovado em 18/12/03